

## REPORTAGEM ESPECIAL

# Metade Norte se destaca na produção apícola gaúcha

## Agricultura familiar e serviços de polinização fortalecem a produção de mel

**Gabriel Eduardo Bortolini**  
Especial para o JC

A Metade Norte do Estado apresenta características próprias e distintas entre as regiões quando o assunto é produção apícola. “A região dos Campos de Cima da Serra, o Planalto, as Missões e os vales do Rio Uruguai possuem realidades diferentes e produtos diferentes”, lembra o coordenador da Câmara Setorial da Apicultura e Meliponicultura da Secretaria da Agricultura, Pecuária, Produção Sustentável e Irrigação (Seapi).

Dos Campos de Cima da Serra, por exemplo, vêm o mel de melato, produto muito valorizado recentemente, inclusive com Indicação Geográfica. Nos vales do Alto Uruguai, há méis especiais ligados à fruticultura. No Planalto e nas Missões, predominam as monoculturas, principalmente soja e milho, mas com um importante destaque para a canola.

“A canola é uma excelente alternativa para a apicultura. Além de servir para biodiesel, produz mel e ajuda na recuperação das colmeias depois do inverno rigoroso. A florada da canola começa cedo, entre julho e agosto, e o

pólen dela é muito nutritivo. Os apicultores fazem apicultura migratória, levam as colmeias para a canola, prestam serviço de polinização e ainda fortalecem as colmeias”, exemplifica.

Para a extensionista e assistente técnica estadual em apicultura da Emater/RS-Ascar Laila Ribeiro Simon, o Norte do Estado é considerado uma das regiões mais favoráveis para a produção de mel e seus derivados.

“Principalmente porque a gente tem uma composição de ambiente interessante, onde tem mata nativa, áreas de exploração agrícola, e uma diversificação muito forte dos sistemas, considerando que a gente tem mata atlântica, a questão da produção da erva-mate, do próprio eucalipto, das frutíferas, a questão da canola, da soja, além das culturas de inverno. Tudo isso contribui, e muito, para uma boa oferta de néctar e pólen durante a maior parte do ano”, esclarece.

Além disso, a região apresenta um perfil baseado, principalmente, na agricultura familiar, que exige pouco espaço e pode gerar uma boa renda complementar para as famílias.

“Ela conversa bem com outras

matrizes produtivas como, por exemplo, a produção leiteira ou mesmo das lavouras e também essa questão da participação de jovens e mulheres dentro da atividade. A apicultura tradicionalmente acaba ficando na mão das pessoas mais velhas e o jovem aprende desde cedo o gosto pela atividade, o que oportuniza essa questão da sucessão. E a mulher tem um papel importante na manipulação desse produto pós-colheita. Muitas também vão até os apiários, realizam manejo, fazem colheita e têm todo esse processamento posterior importante, que acaba tendo a presença da mulher como um fator muito forte nessa atividade”, ressalta.

Segundo a extensionista, mais de 70% da atividade está baseada em pequenas propriedades familiares. “Isso é importante porque ela pode ser realizada em pequenas propriedades. Aproveita áreas de menor uso, como as áreas de mata, as bordas de lavoura, que são áreas muitas vezes subutilizadas”, atenta. Segundo o vice-presidente da Federação Apícola do Rio Grande do Sul (Fargs), Patric Luderitz, a polinização é outra questão relevante para a apicultura no norte do Estado.



Canola produz até 30% mais com polinização por abelhas

“É um serviço que provavelmente vai ser trabalhado com mais intensidade nos próximos anos, porque hoje já existem estudos que demonstram que a canola chega a aumentar a produtividade em 30% com a presença de abelhas polinizadoras. E a soja pode ter um aumento de 10% a 18%, mesmo não sendo uma cultura que necessite de polinização. Tendo abelha junto, ela aumenta a produtividade”, menciona.

Os estudos citados por Luderitz foram divulgados pela Embrapa Soja e Embrapa Trigo e reforçam o potencial econômico das abelhas para além da produção de mel e derivados, mas como propulsor produtivo da cadeia agrícola.

“Sem falar na polinização das macieiras. Essa sim, se não tiver polinização de abelha, não produz”, complementa. A necessidade de polinização de determinadas culturas abre, cada vez mais, espaço para oportunidades na apicultura migratória.

“Com isso, mudou também o perfil do apicultor gaúcho. Muitos passaram a trabalhar de forma profissionalizada, em grupos, fazendo migração de centenas de colmeias tanto para produção de mel quanto para serviços de polinização”, reitera Sattler. A partir dessa necessidade, serviços como aluguel ou mesmo a compra de colmeias são cada vez mais comuns em diferentes culturas agrícolas.

## Apicultura ainda carece de estatísticas oficiais mais precisas

A grande preocupação da apicultura e da meliponicultura segue sendo o clima. O excesso de chuva, como ocorrido em 2024, por exemplo, causou uma redução drástica na produtividade do setor no período. Foram cerca de 3 mil toneladas de mel produzidas no período 2024-2025, enquanto a média costuma ficar na casa das 9 mil toneladas. A safra atual, entretanto, promete uma recuperação considerável. Algumas projeções indicam a possibilidade de chegar a 11 mil toneladas. O número não deve ser confundido com uma “supersafra”, no entanto. “O pessoal às vezes confunde uma supersafra com safra boa, porque acontece o seguinte: às vezes uma cultura produz muito bem no Rio Grande do Sul, mas outra cai. Tipo esse ano: deu muito boa a uva-do-japão na região norte, mas, em compensação, os eucaliptos estão com problema de um pulgãozinho,

e não estão produzindo néctar. Então vamos ter uma queda de um lado e melhora do outro. Por isso é muito relativa a questão da produção”, afirma Luderitz. Os produtores consultados pela reportagem tiveram safras próximas à média, alguns um pouco abaixo, outros um pouco acima. Outra dificuldade importante diz respeito à ausência de dados precisos, o que causa entraves significativos. “Uma deficiência que nós temos é a questão dos dados oficiais. Hoje existe a declaração de rebanho, que é a principal forma de termos informações concretas. Eu diria que mais ou menos metade da apicultura gaúcha ainda é informal, porque muita gente não declara”, observa Sattler. Segundo ele, não existe atualmente um número preciso sobre a apicultura no Estado. “Hoje o Rio Grande do Sul tem em torno de 500 mil colmeias e cerca de

30 mil apicultores cadastrados. Mas isso é subnotificado, porque muitos produtores não informam o rebanho ao governo. E essa informação é obrigatória. Caixa de abelha é considerada rebanho, como bovino, suíno ou aves. Precisa ser informada. Mas muitos apicultores não fazem isso”, assinala o vice-presidente da Fargs. Para se ter uma ideia da discrepância, a Radiografia Agropecuária Gaúcha 2025 apontava 19,8 mil apicultores registrados. Conforme o sistema de registro da Emater/RS-Ascar, a safra 2025/2026 apresentou, em média, 35 quilos de mel colhidos por caixa, reflexo direto de um ano favorável para a apicultura e meliponicultura no Estado. Os maiores produtores de mel do RS são hoje, em ordem crescente, Santiago, Dom Pedrito, Sant’Ana do Livramento, Gentil, Jaguarí, Caçapava do Sul, Camará do Sul, São Gabriel, Cacequi e Canguçu.

## Principais destinos do mel do Rio Grande do Sul (2025)

País	Valor FOB	Peso
Estados Unidos	US\$ 2,6 milhões	803,1 t
Canadá	US\$ 1,36 milhão	403,2 t
Reino Unido	US\$ 747,9 mil	221,7 t
Alemanha	US\$ 104,6 mil	28,9 t
Israel	US\$ 42 mil	14 t

FONTE: COMEXSTAT

## Número de famílias meliponicultoras por região

Região	Número de Famílias	%
Centro Ocidental Rio-Grandense	291	1,80
Centro Oriental Rio-Grandense	2.002	12,35
Metropolitana de Porto Alegre	1.643	10,14
Nordeste Rio-Grandense	866	5,34
Noroeste Rio-Grandense	11.130	68,67
Sudeste Rio-Grandense	233	1,44
Sudoeste Rio-Grandense	44	0,27
<b>Total</b>	<b>16.209</b>	<b>100,00</b>

FONTE: DIAGNÓSTICO DA MELIPONICULTURA NO RIO GRANDE DO SUL – SEAPI/DDPA (2024)